

OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E O CUIDADO DE SI DE ALUNOS/KARATECAS: A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O DOJÔ COMO FORMADORES DE SUJEITOS

Alexsandra Potulski [*]

Eduardo Nunes Jacobino [**]

[*] Mestre em educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9659-4776>

E-mail: alexandra.alinee@gmail.com

[**] Professor doutor vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1083-8934>

E-mail: eduardojacondino@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em educação, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus Francisco Beltrão, por meio da qual se propôs analisar os processos de subjetivação culminantes em práticas de cuidado de si, de sujeitos karatecas que iniciaram a prática da modalidade em escolas de tempo integral, localizadas no município de Francisco Beltrão – PR - e deram continuidade à atividade marcial no espaço no dojô de karatê, também localizado nesta cidade. Além disso, apresenta a entrevista realizada com uma karateca e mãe de outra karateca, bem como de um aluno e professor de karatê que apresentava deficiência visual. Sujeito que descobriu, na arte marcial karatê, um modo de ressignificar sua existência. O método adotado foi o estudo de caso, com enfoque na metodologia pós-estruturalista, advinda da teoria proposta por Michel Foucault. Como resultado de pesquisa, e que consta neste artigo, concluímos que a instituição escolar e o dojô de karatê são espaços de conhecimento e de formação/fabricação de sujeitos que, a partir da arte marcial praticada, desde o espaço educacional, possibilitam práticas de si que contribuem positivamente na vida desses sujeitos. Fato que nos possibilita pensar a educação no contexto da chamada pós-modernidade, bem como a questão da formação humana, entendida aqui como propulsora de novos modos de vida.

Palavras-chave: Educação. Cuidado de si. Sujeitos. Instituições.

INTRODUÇÃO

A questão da educação escolarizada, formal, no que se refere à transmissão dos saberes/conhecimentos tem sido vista como um ponto fundamental do debate que ronda a área da educação. As possibilidades e os limites que percorrem os ambientes escolares, bem como, as práticas pedagógicas e institucionais, permitem, a um certo ponto, repensar os processos educativos que se desenvolvem também em outros espaços, ampliando o conceito de educação e de formação humana.

Por esse motivo, o presente artigo é um recorte dos resultados obtidos na pesquisa de mestrado em educação, por meio dos quais se analisou as práticas de cuidado de si de sujeitos karatecas, que iniciaram a praticar o karatê no projeto de karatê desenvolvido nas escolas municipais de tempo integral e deram continuidade à atividade no espaço do dojô, e uma entrevista com uma karateca mãe de outra karateca e com um professor e aluno com deficiência visual.

De maneira geral, a ética do cuidado de si consiste num conjunto regras e normas que o sujeito dá a si mesmo que promovem uma forma ou um certo estilo de vida que culmina em uma “estética da existência”. Uma estilização do eu que sempre passa pela relação com o outro, é sempre um processo relacional e transversal. Esse processo de cuidado de si que culmina numa estética da existência, no tornar a vida como uma obra de arte, é um retorno a si que corresponde a uma mudança ou transformação na subjetividade do sujeito, nos modos de ser e agir.

Nesse sentido, problematizar os processos de subjetivação ocorridos com sujeitos que praticam a arte marcial karatê no espaço do dojô e na escola em tempo integral constituiu uma importante ferramenta para se pensar quais os limites e possibilidades da educação. As práticas de cuidado de si contemporâneas que o ensino da arte marcial possibilitou a esses sujeitos, e como esses ressignificaram suas vidas a partir dos conhecimentos e das práticas corporais sustentaram a ideia de uma educação que abarque outros conhecimentos para além dos cognitivos, e uma ideia de formação humana como uma proposta de saberes que contribua para novos modos de vida por parte dos sujeitos/escolares. A metodologia utilizada foi a advinda do pós-estruturalismo, por esta enfatizar a importância das análises microestruturais, das relações de poder cotidianas, por pensar o sujeito discursivamente constituído e imerso em práticas

normatizadoras que o subjetivam. Perspectiva que não se propõe desconstruir, por exemplo, a perspectiva crítica, mas ampliar o debate sobre educação e a formação do sujeito subjetivado pelas relações de poder no ambiente escolar e fora dele.

INSTITUIÇÕES SOCIAIS FABRICADORAS DE SUJEITOS: A ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL E O DOJÔ

A passagem da modernidade para a pós-modernidade e as transformações no modo de olhar para o mundo, os modos de vida e trabalho, as inquietações e angustias, o medo, o esvaziamento das grandes metanarrativas ou o sonhado fim histórico, todas essas questões refletem nos sujeitos que adentram as instituições sociais, dentre elas a escola. Esse novo contexto social e os novos modos de vida angariados, especialmente na sociedade europeia, influenciam os hábitos e os comportamentos do ser-sujeito da sociedade brasileira, e por isso, entendemos que se torna fundamental problematizar as práticas educativas que fazem parte da vida dos sujeitos pós-modernos brasileiros, seja por meio formal na escola em tempo integral, ou por meio do espaço do dojô, em que também se consolidam saberes e conhecimentos.

Daí a importância de se pensar a educação à Nietzsche. Que acreditava num desenvolvimento humano atrelado a um aprimoramento pessoal, por meio do acesso à cultura. Pois, de acordo com Nietzsche *apud* Larrosa (2009) “talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades [...] algo que não se pode fazer de modo técnico nem de modo massificado” (p.39). Assim, reafirma-se uma proposta de educação, escolarizada ou não, como veículo de aprimoramento pessoal, que forneça instrumentos para o sujeito enfrentar as dificuldades que os acometem, que incite a vontade de potência numa superação constante, ir para além dos próprios limites. Sob essa ótica, os conhecimentos advindos da razão ganham outra tonalidade, deixam de ser o objetivo primeiro da educação, pois esta deve, antes de tudo, formar o sujeito para a vida, possibilitando novos modos de ser a partir da prática reflexiva do sujeito por ele mesmo.

A partir de Foucault pudemos compreender a instituição escolar como uma eficiente instituição de sequestro que desenvolve mecanismos de poder sobre os corpos dos indivíduos, a fim de “disciplinarem”, “fabricarem” esses sujeitos, engendrando novas subjetividades. A

escola, então, vista como a grande máquina moderna capaz de fazer dos corpos o objeto do poder disciplinar, tornando-os dóceis e produtivos. De acordo com Veiga-Neto (2016) “o que é notável no poder disciplinar é que ele “atua” ao nível do corpo e dos saberes, do que resultam formas particulares tanto de estar no mundo – no eixo corporal -, quanto de cada um conhecer o mundo e nele se situar – no eixo dos saberes” (p. 71). Ainda, segundo o autor, a disciplina é vista não só como algo necessário, mas também necessariamente natural, pois é a partir dela que se permite ter uma vida em sociedade, mediante uma convivência organizada.

As inúmeras práticas que acontecem no ambiente escolar como técnicas que combinam e dão origem a uma verdadeira tecnologia, cujo fim é tanto alcançar os corpos em suas ínfimas materialidades quanto imprimir-lhes o mais permanentemente possível determinadas disposições sociais” (VEIGA-NETO, 2006, p. 70).

Neste sentido, as instituições escolares mediante práticas pedagógicas e de controle dos sujeitos, corpos, exercem, inevitavelmente, influências sobre o comportamento dos indivíduos. Por meio de tecnologias sociais, disciplinares, que buscam subjetivar, moldar o comportamento destes, em direção a determinado padrão esperado. Tendo em vista que, para Foucault, é por intermédio do corpo (físico, dietético) que se fabrica a alma (consciência) é possível constatar que essas práticas, que ocorrem no interior das instituições (dentre elas as escolas), se aplicam aos domínios físicos e morais/comportamentais dos sujeitos/alunos/atletas. Nessas relações entre corpo e poder, existentes nas relações sociais, para Foucault, “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (1999, p. 29). Nesse sentido, os sujeitos são moldados pelas instituições sociais, dentre elas a escolar, que busca alcançar o domínio dos corpos a fim de disciplinar o comportamento destes.

Nesse mesmo sentido, quando pensamos numa educação que pode ser desenvolvida em outros espaços, como no caso da prática da karatê no dojô, possibilitando formas de experiências de si e maneiras do indivíduo se tornar sujeito de um modo particular, mediante os processos de subjetivação que podem tomar formas distintas, produzindo diferentes modos de vida. Nesse sentido, Veiga-Neto (2016) caracteriza o que seriam os três modos de subjetivação em Foucault que transformam os seres humanos em sujeitos, a objetivação de um sujeito no campo dos saberes, a objetivação de um sujeito nas práticas do poder que divide e classifica e a subjetivação de um indivíduo que trabalha e pensa sobre si mesmo, ou seja, “nos

tornamos sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós aplicamos sobre nós mesmos (p.111)”.

O sujeito moderno, pensado como o protagonista de uma nova sociedade, baseada no uso cada vez mais intenso da tecnologia, de relações líquidas, imerso no capitalismo competitivo, é visto, sob o olhar pós-estruturalista, como constituído por meio das relações de poder que o envolvem e das práticas discursivas diante das quais está inserido. Por esse motivo, a preocupação de autores como Foucault, ao estudarem as instituições sociais, tais como a escola, centra-se no fato que são nestas instituições onde os sujeitos passam, cada vez mais, longos anos, desde a infância até a juventude e a maturidade.

AS ARTES MARCIAIS E O KARATÊ

As artes marciais, como o Karatê, adentraram os espaços escolares, especialmente os de tempo integral, atendendo a demandas formativas que ultrapassam as disciplinas curriculares – tradicionais - que dotam os sujeitos escolares de saberes específicos; na direção do desenvolvimento de habilidades como autoconfiança, força, equilíbrio, respeito, etc. Fazendo com que seus praticantes desenvolvam algo como uma estética da existência.

Tais modalidades marciais proporcionam aos alunos que a praticam a aquisição de saberes e atitudes de autoestima, autocontrole, autoconfiança, respeito à hierarquia e aos demais, atenção, concentração e o respeito por si e pelos outros. Além de desenvolverem habilidades de autodefesa e incentivarem a socialização. Além desses benefícios, tais artes são vistas como mecanismos capazes de contribuir para o combate à violência e à falta de autocontrole por parte dos jovens¹

Exatamente por esse motivo, as artes Zen, como as artes marciais, podem ser de grande valor quando usadas para uma finalidade educacional, pois cada uma delas tem como objetivo descontração física e espiritual que conduz a uma mudança interior. Principalmente porque é uma disciplina vivida no concreto corporal, permitindo um alongamento em vivências mais profundas de respeito mútuo, afirmando a própria liberdade e, conseqüentemente, a do outro. (SUGAI, 2000, p. 47)

¹ A prática da arte marcial se mostrou como uma importante ferramenta na redução da agressividade de adolescentes. Como mostra a pesquisa de Diniz e Del Vecchio (2013) e Silva (2018). Disponíveis em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/download/4185/2712>;
http://bdm.unb.br/bitstream/10483/21418/1/2018_LucasCarvalhoDaSilva_tcc.pdf.

Cabe ressaltar que a partir do século XVII, de acordo com autores como Sugai (2000), o ocidente absorveu a linguagem advinda da descrição matemática de Galileu; combinada com o método de raciocínio de Descartes. Esse método considera propriedades como forma, movimento e quantidade - que podem ser quantificadas e qualificadas – como aspectos fundamentais a serem levados em consideração, pelos estudiosos das ciências modernas.

Na mesma direção, rejeita características como som, cheiro ou sabor. Por entender que são de ordem subjetiva, ou seja, não permitiriam a construção de uma racionalidade capaz de dominar a lógica da natureza. Capaz de possibilitar, aos homens, desenvolverem um método científico capaz de subtrair a “verdade” fenomênica adstrita aos fenômenos físico-químico-matemáticos.

O predomínio desta forma de racionalidade acabou por tornar menor, ou praticamente excluir do repertório científico o trato para com, segundo Sugai (2000) “as características da sensibilidade humana, tais como a *estética, a ética, os valores, a qualidade e a forma*, e toda a gama de sentimentos e motivações que dela derivam” (p. 52, grifos da autora).

Nessa direção, a razão cientificista que passa a predominar e que busca a verdade fenomênica (as leis que prescreveriam o desenvolvimento das espécies, que prescreveriam a lógica da vida), produz formas de racionalidade, de entendimento humano voltadas ao domínio da natureza – e, na sequência, do homem pelo homem.

Conhecer passa a ser sinônimo de conhecer o que está fora do homem, ou seja, na natureza. Fora do sujeito. E embora o sujeito que conhece, ou que busca conhecer o mundo, faça parte deste mesmo mundo, o que está em foco não é uma forma de conhecimento de si, de seus atos, de seus comportamentos. O foco não é o próprio sujeito que conhece, mas os objetos (exteriores) a serem observados, conhecidos, controlados, dominados.

Nesta direção, embora seja inegável o avanço científico galgado – notadamente no ocidente – a partir desta forma de racionalidade empregada, aperfeiçoada; não se pode negar, também, que um vazio acompanhou a evolução científica, qual seja, a que se voltou para a

construção do conhecimento de si, da sabedoria² diante de si e dos outros. Diante da vida³.

Porém deve-se levar em consideração o fato de que as pessoas reagem de modo diferente diante das experiências que vivenciam. E que nenhuma prática, por mais especial que seja, tende a atingir as pessoas da mesma forma e na mesma intensidade. Até porque os indivíduos são atravessados, no seu cotidiano, por outras tantas influências – saberes e poderes – para além das práticas escolares e do dojô que aqui tomamos como objeto de análise.

No entanto, insistimos para o fato de que embora estas práticas – tais com a prática das artes marciais – não representam a totalidade das experiências e ou das habilidades/tendências comportamentais desenvolvidas pelos indivíduos, no seu transcurso histórico; representam, sim, importantes balizadores comportamentais. Notadamente porque são experiências, vivências, que se apresentam justamente por meio de tecnologias do eu – por técnicas de si, em relação a si mesmo - desenvolvidas por cada praticante. Envolvendo, por isso mesmo, experiências profundas que, de algum modo, marcam as vidas de seus praticantes.

ANÁLISES DAS ENTREVISTAS E OUTRAS CONSIDERAÇÕES

A metodologia adotada na pesquisa foi a advinda do pós-estruturalismo, principalmente nas teorizações de Michel Foucault, com o método estudo de caso e os instrumentos de coleta de dados foram as observações nas aulas de karatê numa escola municipal de tempo integral e no espaço do dojô, representado pela associação real lince de karatê e entrevistas com alunos karatecas que iniciaram à prática nas escolas de tempo integral e deram continuidade à atividade no espaço do dojô. Esses sujeitos são nomeados na pesquisa como Nhonho, Quico, Chaves, Paty, Pópis, Chiquinha, Clotilde. Entrevistamos também uma das mulheres mais velhas que é mãe de outra karateca, nomeada na pesquisa como Dona Florinda. E, por fim, entrevistamos

² A sabedoria não necessariamente tem a ver com a ciência. Todavia, é um tipo de conhecimento – valorizado na antiguidade grega, por exemplo- que se consolida por meio do aperfeiçoamento da sensibilidade do indivíduo, diante da vida. Diante de si e dos demais. Ao levar em consideração as coisas que realmente importam, na vida. Vida, aliás, que tem “prazo de validade”, que é finita e requer determinados parâmetros para que seja vivida na medida certa. De forma equilibrada. Saudável.

³ Ao considerar a vida, por exemplo, não o somatório de objetos a serem dominados, controlados; mas um percurso por meio do qual caberia ao homem se aperfeiçoar – por meio de práticas, exercícios de si para si - tal qual o faz um artífice, que esculpe sua obra na direção da perfeição. Da melhoria de si.

um aluno que também é professor da APAE, que possui deficiência visual, nomeado com professor Girafales.

Durante as entrevistas a questão do controle da ansiedade e/ou do estresse – a contribuição do karatê, nesse sentido – por meio de atividades que permitiam a liberação, ou ao menos um tempo para esquecerem “os males modernos” e para dedicarem-se a si mesmos, foi ressaltada por vários dos entrevistados. Nesse sentido, Goleman (2011) aponta para o fato de que a ansiedade é um problema causado pelas pressões da vida moderna, e que repetidos ataques de ansiedade indicam altos níveis de estresse. Como as entrevistas bem explicitaram, em trechos como estes: “Eu era mais estressada, antes do karatê” (Dona Florinda). “Às vezes, quando eu estou muito estressado, com a ajuda do Karatê eu consigo ficar mais calmo” (Chaves). “Não sei de onde vem essa calma, depois de treinar”? (Pópis). “Me sinto mais aliviado, depois dos treinos” (Nhonho).

De todo modo, é notável a influência exercida pelo Sensei, e pelo próprio karatê, sobre os alunos entrevistados. Como evidenciado nas falas, alguns alunos – entrevistados – deram continuidade aos treinamentos somente pelo apoio recebido por parte do Sensei; que permitiu que os mesmos praticassem o karatê em outras escolas, em tempo integral, ou mesmo no dojô. Sem terem que pagar para isso. Como foi o caso de Paty, Nhonho e Quico. Este processo mostra a influência positiva da figura do Sensei na vida dos praticantes entrevistados.

O que pode denotar, a princípio, uma forma de exercício de poder por sobre a conduta dos praticantes. Conforme aponta Foucault (2004), “basta que qualquer um de nós se eleve sobre o outro, e o prolongamento dessa situação pode determinar a conduta a seguir, influenciar a conduta ou a não-conduta de outro” (p.16). O poder, como capacidade de influenciar o comportamento do outro, se dá de modo intersubjetivo. Tanto na esfera microssocial (relação entre dois sujeitos ou entre um número reduzido de sujeitos), quanto na esfera macrossocial (relações de poder advindas do Estado, ou de grandes corporações, etc). Estas relações de poder podem ocorrer de forma positiva (o poder como instrumento de instigação do outro, para que este outro busque melhorar a si, por si e para si mesmo) ou de modo negativo (o poder como instrumento de dominação do outro, para que este outro faça o que é bom apenas para àquele que domina a relação).

Neste sentido, a subjetividade é, também, uma escolha diante dos saberes e/ou das práticas disciplinares, cotidianas, que nos moldam. Escolha que, de forma paradoxal, também

é possibilitada, angariada, por meio do uso de determinados saberes e por determinadas práticas, que adotamos. Práticas, no entanto, por nós amadurecidas, escolhidas. Saberes e práticas que permitem ao sujeito elaborar um saber sobre si mesmo.

Durante as entrevistas percebemos que as práticas de cuidado de si advindas do karatê sempre perpassavam pela relação com o outro. Seja por meio dos discursos do professor, seja por meio das práticas – exercícios e movimentos corporais desencadeados nas aulas – e que se transformavam em processos de subjetivação, mediados por práticas e regras de conduta absorvidas por esses sujeitos. Condutas que, todavia, eram mediadas, também, pelo contato com os pais, com os amigos – que, por sinal, em grande medida eram os próprios colegas/praticantes de karatê.

Além disso, a entrevista com o aluno/professor Girafales corroborou no sentido de mostrar que as práticas de cuidado de si perpassam o cuidado com o outro, pois durante a entrevista este entrevistado enfatizou que sabia que é por meio do exemplo que ele poderia influenciar positivamente os demais. “Eu tenho que dar o exemplo. Agora como professor a responsabilidade sobe, dobra, porque você tem que mostrar o que é certo e o que é errado”! Da mesma forma Girafales distinguia o ser-atleta do ser-atleta-professor (sensei), ressaltando que para este último a responsabilidade “dobra”, uma vez que estando neste papel o sujeito adquire o poder de influenciar o comportamento dos outros. Um protagonismo como leitura de si e não vitimismo por conta de sua singularidade.

Diante do exposto acima é possível afirmar que a escola em tempo integral, Recanto Feliz, e o espaço do dojô Real Lince são instituições sociais que fabricam/formam sujeitos. Moldam seus comportamentos. No caso específico do karatê, a partir do que esta modalidade traz de rituais, de uma conduta mediada por uma filosofia de vida. Tanto na escola, quanto no dojô - durante as aulas da arte marcial karatê - eram ressaltados pontos como disciplina, concentração, respeito. Atitudes que passavam a vigorar como posturas aceitas por parte dos karatecas. Tornando-se balizamentos comportamentais.

Tais questões abriram ensejo para (re) pensarmos as questões educacionais – formais - no sentido de estas também contribuírem para um aprimoramento pessoal do sujeito escolarizado. Espaço que não se volte, especificamente, para o acúmulo de saberes disciplinares (matemática, língua portuguesa, etc). Mas que contribua para a formação - em termos do cuidado de si – destes alunos.

Desse modo, os processos de subjetivação acarretados pela prática inicial do karatê, na escola em tempo integral e, por conseguinte, por conta do treinamento desencadeado no espaço do dojô evidenciaram práticas de cuidado de si efetivadas pelos sujeitos envolvidos com a prática do karatê. Sujeitos que foram alvo da pesquisa.

Praticamente todos os entrevistados demonstraram - seja por meio de suas ações, seja por meio de suas palavras - a assimilação de pontos como tranquilidade diante das situações sociais, calma interior, a “liberação dos estresses diários”. Em casos específicos como o de Paty percebemos, nitidamente, a mudança demonstrada por ela, ou seja, de uma postura “rebelde” e “violenta” para uma postura baseada no autocontrole. Esta entrevistada ressaltou, ainda, a importância dos exercícios de meditação efetuados nos treinamentos. Segundo ela, o único momento do dia em que paramos para não pensar em nada, esvaziar nossa mente. Relaxarmos. Entrarmos em contato conosco mesmos.

CONCLUSÃO

Diante do contato com esses sujeitos, feito por meio das observações que nos fizemos acompanhar as práticas de karatê efetivadas por estes; bem como, por meio das entrevistas realizadas foi possível evidenciar que as práticas da arte marcial karatê, influenciavam o olhar que acabava sendo desenvolvido, por parte dos sujeitos, sobre si mesmos (por meio das escolhas pessoais que faziam, relacionadas aos respectivos modos de vida que implantavam, no dia a dia, direcionados a questão da alimentação, ao controle das emoções, a postura diante dos outros, o respeito aos karatecas mais graduados, o estabelecimento de relações sociais que os afirmavam enquanto sujeitos). Ainda, no que se referia aos objetivos que se propunham alcançar, tais como tornarem-se atletas e pessoas melhores.

Deste modo, a prática do karatê parecia atuar como possibilitadora de hábitos, normas comportamentais, formas de refletir sobre a vida e sobre si mesmo que atingia cada indivíduo disposto a esta prática. Por meio de relações de poder que não se dava como dominação, uma vez que deixava os praticantes livres para escolherem continuar, ou não, com a prática. Uma forma de poder mais próxima da autoridade - uma forma de poder, portanto, que parecia atuar de forma positiva -; incitando a adoção de certas práticas, de uma certa filosofia de vida, por meio do exemplo. E não do castigo ou da ameaça. Pois as práticas reafirmam ações, que agindo no sujeito agem na sua formação.

Este processo, acompanhado da aquisição de novos saberes e práticas, por parte dos alunos; bem como, por meio do acompanhamento social, coletivo, que passava a mediar a vida dos karatecas – rodeados, em grande medida, pelos próprios colegas karatecas - atuava como potencializador de práticas de si. De um voltar-se para si⁴.

A partir das entrevistas evidenciamos que certas práticas de cuidado de si, adotadas por esses sujeitos, no karatê, serviam como ferramentas para o enfrentamento de certos males que cercam as sociedades contemporâneas, tais como a ansiedade e o estresse. Questão que ficou clara diante das narrativas consubstanciadas pelos entrevistados, voltadas a mostrar que a prática do karatê ajudava na liberação do estresse e ou no controle das emoções.

Como já foi dito, os sujeitos que continuaram com a prática do karatê no espaço do dojô, foram, de certa forma, subjetivados pelos discursos proferidos pelo professor karateca. De modo que adotaram novas possibilidades, novos hábitos de vida, mediatizados pela arte marcial e pelas novas relações sociais estabelecidas entre os próprios karatecas.

Na instituição escolar de tempo integral, Recanto Feliz, onde ocorreram as aulas de karatê que acompanhamos, no contraturno escolar, foi possível observar que estes sujeitos tinham a possibilidade de participar de competições, em outras cidades, como as que acompanhamos durante a pesquisa. Notamos, também, que essas aulas envolviam exercícios de alongamento, concentração, atenção, força, flexibilidade e agilidade. Que durante as aulas o sensei incentivava os alunos a buscarem sempre melhorar o que estavam fazendo. Percebemos, em muitos deles, a vontade de avançarem em sua graduação. De continuarem na senda da arte.

Do ponto de vista do trabalho do psicólogo Daniel Goleman, cabe apontar para o fato de que a primeira publicação do seu livro: *Inteligência Emocional*, em 1995, atingiu enorme sucesso e balançou as bases paradigmáticas até então atreladas a conceitos como os de coeficiente intelectual. Conceito utilizado, quase que de forma unânime para ‘medir’ a capacidade, a inteligência dos indivíduos.

O livro de Goleman surgiu em meio a um período turbulento vivenciado nos Estados Unidos, pelo aumento da criminalidade, dos suicídios, do abuso de drogas, dentre outros

⁴ De acordo com autores como Goleman (2011) “a recomendação de Sócrates – ‘conhece-te a ti mesmo’ – é a pedra de toque da inteligência emocional: a consciência de nossos sentimentos no momento exato em que eles ocorrem” (p. 77).

indicadores de mal-estar social que foram localizados, principalmente, entre os jovens. O autor, diante destes acontecimentos, passa a defender a ideia de que um alto coeficiente de inteligência (QI), não necessariamente representava a garantia da aquisição de sucesso profissional, nas relações intrapessoais e ou interpessoais. Ou seja, que o QI não representava a condição fundamental para a efetivação de formas de vida plenamente vividas.

Aponta, então, para a importância de se trabalhar com o coeficiente de inteligência emocional (QE), ou a capacidade que um indivíduo tem de identificar e controlar seus próprios sentimentos e impulsos, perceber os sentimentos dos outros, se automotivar e gerir bem as emoções nas relações interindividuais (Goleman, 2011).

Goleman parte de um viés psicológico, como forma de discutir essas questões. Nós, embasados nas discussões advindas dos pós-estruturalistas não acreditamos que exista um ‘fundo psicológico fundamental’, ou seja, uma estrutura psicológica à qual devemos chegar, por fim, graças à procedimentos científicos que nos levarão à verdade psicológica, a este fundo psicológico, digamos, estrutural. Mas entendemos que espaços como os advindos dos dojôs de karatê, bem como o que encontramos na escola em tempo integral são lugares de práticas de si. Lugares por meio dos quais suscitem formas de aprimoramento pessoal, via práticas de si, e contribuam positivamente para o desenvolvimento de modos de vida, de estilos de existência, adotados pelos sujeitos, alunos, praticantes de karatê; na direção do desenvolvimento de habilidades físico-mentais-emocionais. Conforme foi possível observar por meio dos relatos dos entrevistados.

Neste sentido, a relação para consigo perpassa uma relação com os outros e uma retomada do que deve ou não ser feito, em relação a si mesmo e em relação aos outros. Para que não se perca a capacidade de governar a si, nem tampouco a capacidade de ser correto em relação aos outros. Neste sentido, retornar aos gregos, como fez Foucault, nos permite encontrar uma reflexão acerca da individualidade. Que não seja, por um lado, dominada pelos códigos morais e pelos poderes institucionais; e de outro lado, que não se torne escrava de si mesma, ou seja, um mero objeto de adoração para si. Processos, todavia, que podem ocorrer.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 1ª Ed. (1992). 34ª Ed. 5 Reimp. São Paulo: 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**: Curso dado no Collège de France (1981- 1982); edição estabelecida sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma annus Muchail. 2ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del Yo** y otros textos afines. 1ªed. – Buenos Aires: Paidós, 2008. 152 p.

FOUCAULT, M. **Por uma vida não fascista**. Organizador: coletivo sabotagem, 2004.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Traduzido por Semíramis Gorini da Veiga.. – 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, Nyrluce M.A. **OS USOS PEDAGÓGICOS DA NOÇÃO DO CUIDADO DE SI: Um estudo sobre a recepção do pensamento de Michel Foucault no campo educacional brasileiro**. Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4877>
Acesso em: 17 jul 2018.

SUGAI, Vera Lucia. **O caminho do Guerreiro I**. Colaboração de Sumio Tsujimoto. São Paulo: Editora Gente, 2000.

SUGAI, Vera Lucia. **O caminho do Guerreiro II**. Colaboração de Sumio Tsujimoto. São Paulo: Editora Gente, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3ªed; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

**THE PROCESSES OF SUBJECTIVATION AND CARE OF SI OF STUDENTS/
KARATECAS: THE SCHOOL INSTITUTION AND THE DOJÔ AS TRAINERS OF
SUBJECTS**

ABSTRACT

The present article is the result of a research developed in the master's degree in education, by the State University of Estadual do Paraná - UNIOESTE Francisco Beltrão campus, in which it was proposed to analyze the processes of subjectification culminating in self-care practices of karateka subjects who started the practice in full-time schools in the municipality of Francisco Beltrão - PR and continued their activity in space at the karate dojo. In addition, it presents the interview of a karate mother of another

karateka and a visually impaired student and teacher who discovered in art a way to reframe his existence. The method adopted was the case study with a focus on the post-structuralist methodology, mainly on Michel Foucault's theory. As a result of the research, we concluded that the school institution and the dojo are spaces of knowledge and trainers / makers of subjects who, based on the martial art in the educational space, enable practices that contribute positively to the lives of these subjects, which enables the discussion of education in postmodernity and the issue of human formation, understood as a propeller of new ways of life.

Keywords: Education. Self-care. Subjects. Institutions.

LOS PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN Y EL CUIDADO DE SI DE ALUMNOS/KARATECAS: LA INSTITUCIÓN ESCOLAR Y EL DOJÔ COMO FORMADORES DE SUJETOS

RESUMEN

El presente artículo es resultado de una investigación desarrollada en la maestría de educación en Universidad Estadual del Oeste de Paraná – UNIOESTE en Francisco Beltrão, en que se propuso analizar los procesos de subjetivación que desarrollan en prácticas de cuidado del yo de sujetos karatecas que iniciaron la practica en las escuelas de tiempo integral en el municipio de Francisco Beltrão – Pr y prosiguieron la actividad en espacio del dojô de karate. Además de eso, presenta la entrevista de una karateca madre de otra karateca y de un alumno y profesor con deficiencia visual que descubrió en el arte un modo de ressignificar su existencia. El método adoptado fue el estudio de caso con foco en la metodología pos-estructuralista, especialmente en la teoría de Michel Foucault. Como resultado de investigación, concluimos que la institución escolar y dojo son espacios de conocimiento y formadora/fabricadoras de sujetos que, con el arte marcial en el espacio educacional, posibilitaron practicas que contribuyen positivamente en la vida de esos sujetos, lo que posibilita la discusión sobre la educación en pos-modernidad y la cuestión de a formación humana, comprendida como una propulsora de nuevos modos de vida.

Palabras-clave: Educación. Cuidado de yo. Sujetos. Instituciones.

Submetido em: abril de 2020.

Aprovado em: julho de 2020.

Avaliado em: outubro de 2020.